

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Historia do Brazil—Primeiras viagens exploradoras, as capitancias, o governo geral, por **Sylvio Romero**. — II Traços de litteratura comparada no seculo XIX, por **Tobias Barreto**. — III Da educação, por **Herbert Spencer**. — VI Bibliographia Brazileira. — Novas publicações.

Historia do Brazil

1º AS PRIMEIRAS VIAGENS EXPLORADORAS.
— 2º AS CAPITANIAS. — 3º O GOVERNO GERAL. (1)

1º *A's primeiras viagens exploradoras*—Vós estudareis mais tarde aprofundadamente a historia de nosso bello paiz. Então entrareis n'uma serie de questões de caracter puramente erudito, que não podem agora ser-vos apresentadas. Logo na primeira pagina d'esta historia costuma-se agitar a questão de saber a quem pertence a gloria do descobrimento do Brazil: si aos hespanhoes, aos francezes, ou aos portuguezes. Os debates da historia, quando descambam em certa especie de *micrologia*, ou *sciencia dos minucios*, não estão livres da pecha de charlataneria.

Fujamos de tal caminho. Basta que eu

(1) Não esquecer que este artiguinho é um capitulo de uma historia do Brazil elementarissima, destinada ás aulas primarias.

vos diga que n'este assumpto o melhor é ficarmos com as ideias dos velhos chronicistas. Elles nos contam que, descoberta a India pelo insigne portuguez—*Vasco da Gama*—em 1498, o rei D Manoel, no intuito de iniciar as explorações e o commercio n'aquella famosa região, fez expedir uma armada para lá, sob o commando de *Pedro Alvares Cabral*. Este, afastando-se demasiadamente das costas africanas, veio a descobrir o Brazil em 22 de abril de 1500.

A terra, que suppunham erroneamente os ousados descobridores fosse uma ilha, chamou-se a principio *Vera Cruz*, depois *Santa-Cruz* e finalmente *Brasil*.

Chegada a Portugal a noticia do inesperado descobrimento, e começando logo os francezes e hespanhoes a traficar na costa com os indigenas, o governo do reino tratou de expedir para o novo paiz diversas armadas ou frotas exploradoras.

Há grande obscuridade na discussão critica dos melhores historiadores sobre quem fossem os primeiros chefes das ex-

plorações e as dactas das respectivas viagens. — Parece estar mais ou menos averiguado ter sido a primeira exploração em 1501, sob o commando de *André Gonçalves*; a segunda em 1503, tendo por chefe *Gonçalo Coelho*; a terceira em 1505, tendo por commandante *D. Nuno Manoel*.

N'estas primeiras tentativas para conhecer a nova região, os portuguezes chegaram a percorrer grande parte da nossa costa, e determinadamente o cabo de Santo Agostinho, a foz do rio São Francisco, o cabo de São Thomé, a bahia do Rio de Janeiro, a de Angra dos Reis, o porto de São Vicente, além da Bahia de Todos os Santos, Porto Seguro, Caravellas, Cabo Frio e grande parte da costa do Sul até muito além da foz do Rio da Prata. — Francezes e hespanhoes, por outro lado, proseguiram em suas tentativas de exploração e colonisação.

O commercio portuguez tambem atirou-se á faina e ha, entre outras, noticias das viagens de João de Lisboa, de João Coelho, da não *Breão*, e d'aquellas em que naufragaram *Diogo Alvares Corrêa*, *João Ramalho* e *Antonio Rodrigues*.

A concorrência estrangeira sobretudo incitou o governo portuguez a cuidar do Brazil, prejudicado em sua colonisação pelo attractivo da India. — N'esse intuito D. João III, que succedera a D. Manoel em 1521, enviou ainda em 1526 uma armada, guarda-costa, sob o commando de *Christovão Jacques*, que, depois de percorrer o littoral desde Pernambuco até ao Rio da Prata, bateu de volta os francezes na Bahia, retirando-se em seguida para Portugal. Não era possivel proseguir por mais tempo n'esse regimen de *pura exclusão dos estranhos e mais nada*.

D. João tratou em 1530 seriamente da colonisação. Para isto inviou uma forte armada, sob o commando de *Martins Affonso de Souza*, conduzindo d'esta vez algumas centenas de colonos. Esse illustre capitão é o iniciador da colonisação do Brazil; a elle devem-se as primeiras povoações que se edificaram em nosso solo. Foram ellas a villa de *São Vicente* na ilha d'este nome e a de *Piratininga* a nove leguas de distancia no interior.

Martins Affonso de Souza logo, após donatario da capitania de São Vicente, retirou-se para Portugal em 1533; tendo, além da fundação das duas povoações, que

ficaram indicadas, percorrido a costa do Brazil desde *Itamaracá* até ao *Chuy*.

2º *As capitânicas*. — O governo da metropole, comprehendendo a difficuldade de colonisar directamente pelo simples esforço official o vasto territorio brasileiro, procurou interessar n'essa empresa os particulares. Para tal fim fez resuscitar o regimen feudal já extinto no reino. Dividiu n'esse intuito o Brazil então conhecido em doze quinhões, appellidados capitânicas, concedidas com grandes privilegios a doze illustres magnatas da epoca.

E' este tambem um dos pontos obscuros da historia da nossa patria.

As capitânicas foram mal determinadas e mal delimitadas; algumas dellas abrangiam territorios distantes uns dos outros; outras houve que não foram colonisadas. A historia interna de todas ellas é incerta. Mais tarde, além das doze, foram crêdas outras muitas, cuja historia não é melhor esclarecida. Si a epoca dos aborigenes, o tempo ante-cabralino, é no Brazil o que se pode chamar a nossa obscura *antiguidade*, o primeiro seculo, o seculo feudal da colonisação, é a nossa indecisa *idade media*. — A contar do norte para o sul as capitânicas foram as seguintes: os territorios correspondentes mais ou menos hoje de provincias do *Maranhão*, *Rio Grande do Norte* e *Parahyba do Norte*, foram dados de parceria a Fernando Alvares de Andrade, João de Barros e Ayres da Cunha, contando-se ahi tres capitânicas, que aliás não foram colonisadas pelos respectivos donatarios; seguem-se *Ceará*, doada a Antonio Cardoso de Barros; *Pernambuco*, a Duarte Coelho Pereira; *Bahia*, a Francisco Pereira Coitinho; *Ilhéus*, a Jorge de Figueiredo Corrêa; *Porto-Seguro*, a Pedro do Campo Tourinho; *Espirito Santo*, a Vasco Fernandes Coitinho; *Parahyba do Sul*, a Pedro de Goes da Silveira; *São Vicente*, a Martin Affonso de Souza; *Santo Amaro*, a Pero Lopes de Souza. Cumpre advertir que a este coube tambem a ilha de *Itamaracá* e a terra fronteira, que depois vieram a constituir capitania independente, tal como aconteceu a *Itaporica*, ao *Reconcavo da Bahia*, ao *Rio de Janeiro*, a *Sergipe*, ao *Pará*, etc!

3º *Governo Geral*. — O systema feudal tinha preenchido sua missão na Europa e não podia ir muito longe no caminho do progresso no Brazil. Bem cedo a realesa o

o povo tiveram de unir-se contra elle como acontecera no velho mundo. A realisação foi a primeira a dar o signal da reacção, já creando em novo estado que se ia formando um governo geral que servisse de força centralisadora em nome do monarcha, e já estabelecendo o systema de resgate das capitánias.

O primeiro governador geral do Brazil foi *Thomé de Souza* (1549-1553). — Devesse-lhe a fundação da cidade do Salvador na Bahia de Todos os Santos, a installação do governo civil, do regimen juridico e da ordem social. Succederam-lhe *D. Duarte da Costa* (1553-1558) e *Mem de Sá* (1558-1572).

Sylvio Romero.

Traços de litteratura comparada no Seculo XIX

I

Segundo o plano da historia, que muitos chamariam a economia providencial do universo, todo o povo que progride e se desenvolve, tem uma dupla missão: — uma interna, e outra externa; uma volvida para si mesmo, e outra para os demais povos.

Cada nação, mais ou menos impellida de uma lei inelutavel e superior ás tendencias exclusivas, sente uma continua necessidade de completar-se material e moralmente, mutuando com as suas irmãs os beneficios da cultura, considerada principalmente em seus resultados praticos.

Todos os dias o liame dos espiritos torna-se mais intimo e se dilata até os mais longinquos pontos do globo. A industria e o commercio ajudam não sómente a promover a sociabilidade internacional e a harmonia dos interesses, mas também a augmentar o deposito ideal dos principios, sobre que se funda a conservação e o bem estar do genero humano.

A litteratura, expressão e manifestação desses principios, tende em nossos dias, mais que em outra qualquer epocha, á universalidade, á assimilação daquella parte do patrimonio intellectual dos diversos povos, que é susceptivel de ser transmittido, como tributo, ao erario commum da civilisação.

Pela rápida e constante troca de idéas, de costumes, de riquezas, as nações cultas,

como que tranvassam as umas das outras, fazem presentemente da Europa e de uma boa porção da America um povo unico e enormemente grande. O estudo das linguas e litteraturas estrangeiras é um traço característico do nosso tempo. Nenhum outro periodo historico nos apresenta signaes tão vivos de unificação mental, pelo menos no dominio das lettras e das sciencias.

Mas importa observar que essa unificação não se dá em proporções iguaes. Nem todas as nações cultas da actualidade, ou como taes reputadas, mantêm-se entre si n'um perfeito estado de reciprocidade intellectual. Ha umas que falam mais alto, e outras que se limitam a escutar. O pão espiritual, que serve de alimento a todas ellas, não é producto da cooperação de todas.

Ainda nesta esphera, quero dizer, na esphera scientifica e litteraria apresenta-se verdadeira a notavel divisão da especie humana, que fez Henrique Klenke, nos trez seguintes grupos, delimitados pela natureza e pela historia; — 1º povos *solares*, ou o lado *diurno* da humanidade; 2º povos *planetarios*, ou o seu lado *nocturno*; 3º povos de *transição*, ou o seu lado *crepuscular*; grupo este, que por sua vez se subdivide em povos que se levantam e povos que decahem. (1)

Sómente aos povos solares é que pertence o trabalho cultural do espirito humano, encarado sobretudo pelo seu lado intimo, no puro dominio das idéas e dos sentimentos. Só elles, por conseguinte, possuem uma *litteratura*, no rigoroso sentido da palavra, um immenso capital circulante de riquezas idéaes, que fecundam e vivificam o trabalho dos outros povos.

Dahi vem por certo que nos tempos actuaes, em que os cidadãos dos diversos paizes, atormentados todos igualmente da necessidade de independencia de liberdade honesta, e da insaciavel sede da verdade, vão por vias differentes em busca desse alto scopo, afastados entre si, estranhos pela lingua e desconhecidos uns dos outros, — o melhor meio da approximação es-

(1) Não ha duvida que nós os brasileiros pertencemos ao terceiro grupo; somos um povo de *transição*. Se, porém, caminhamos para cima, ou para baixo, se subimos, ou descemos, — é questão que aqui não interessa, nem se quer agitar, e muito menos tratar de resolver.

piritual, o meio mais efficaz para inspirar-lhes o sentimento de visinhos e de irmãos, é justamente o estudo das litteraturas estrangeiras.

E se talvez aqui ou alli ainda se dividem as opiniões, os interesses, as tradições nacionaes, no cultivo unico das lettras tudo isto desaparece, as differenças se attenúam, as antitheses se harmonisam, por uma nobre aspiração á felicidade geral.

Não se entenda porem que esse estudo das lettras estrangeiras, como ahi fica delineado, seja uma simples questão de memoria, um trabalho de mera nomenclatura de livros e de autores. Não, de certo. Elle tem o seu lado scientifico, e bem assim o seu methodo adequado, que é o methodo comparativo.

O que este ultimo tem sido para as linguas e para as religiões, que só a elle devem os mais sorprendentes achados, póde sel-o igualmente para as litteraturas.

Ouçamos á tal respeito um homem competente. « A litteratura comparada, — diz George Brandes, — tem a dupla vantagem de approximar-nos tanto do *alheio*, que podemos appropriar-nos d'elle, e de afastar-nos tambem do *proprio* por tal modo, que chegamos a poder encarar-o de cima para baixo.

Não se vê perfeitamente nem o que está muito perto, nem o que está muito longe dos olhos. O estudo scientifico da litteratura fornece-nos, por assim dizer, um binoculo, do qual um dos lados augmenta, e o outro diminue o objecto observado. Importa pois empregal-o de maneira, que possamos corrigir as illusões da visão a olhos nús (2).

Este mesmo escriptor é de opinião que até bem pouco tempo, no ponto de vista litterario, as diversas nações realisaram praticamente a fabula da *raposa e da cegonha*. O que uma sabia da outra, era tão abundante, como a parte da iguaria que o bico da Cegonha podia tirar de cima da pedra, ou o focinho da raposa de dentro da garrafa, conforme o modo particular á cada uma de obsequiar a sua hospeda.

Entretanto esse tempo já não póde chamar-se nosso. Não é que a litteratura comparada tenha feito grandes progressos, nem mesmo que os seus cultores já se mostrem em numero consideravel. Mas ao

menos é certo que a critica, de Brandes perdeu a razão de ser. Não só as historias litterarias multiplicam-se de dia em dia, como até succede que, por exemplo, a litteratura franceza, nas mãos de um Julianio Schmidt, ou a ingleza, nas mãos de um Taine, ou mesmo allemã, nas mãos de um Tommaso Gar, nada tem a desejar de mais analytico e mais profundo, que podessem por ventura produzir escriptores nacionaes.

No vigente seculo, somente quatro nações, — a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Italia, — têm estado á frente do movimento litterario, e só as suas litteraturas merecem o titulo de *Weltliteraturen*, como dizem os allemães, ou litteraturas universaes. Tudo o que de bom e aproveitavel se ha pensado, escripto e falado em outro qualquer logar, neste ou naquelle paiz *epigono* tem sido sempre uma repercussão do pensamento original de um dos quatro paizes *progenos*.

Bem pode, á primeira vista, semelhante asserto parecer exagerado, e mesmo não faltará, quem o qualifique de tal, tomando como verdade a singular illusão de que a Italia não entra com igual direito na categoria aberta para as outras trez nações, attento que a sua influencia tem sido e continúa a ser muitissimo inferior, e em mais de um ponto quasi nullo.

Porém o erro é manifesto. Para mostral-o, basta lembrar que não ha litteratura de povo algum da actualidade, onde o espirito catholico não se tenha feito uma larga parte: e falar do espirito catholico é falar da influencia de Roma, e reconhecer, por conseguinte, ao menos em uma das direcções da actividade pensante, a preponderancia da Italia.

Tendo-me proposto no presente escripto um pequeno estudo de litteratura comparada, era natural que buscasse o meu assumpto entre as nações mais cultas: e assim o fiz. O meu trabalho abrange pois uma apreciação comparativa das lettras allemães, francezas e italianas, não em todo o decurso do seu desenvolvimento, mas em um periodo determinado da historia litteraria deste seculo. Por que motivo exclui a Inglaterra do meu campo de observação, para dizel-o com franqueza, devo confessar que não foi sómente com o fim de não augmentar as difficuldades da empreza, mas tambem por que tratava-se de um terreno,

(2) *Die Hauptstroemungen der Literatur des 19 Jahrhunderts* — pag. 1 e 2.

em que sentir-me-hia menos seguro e des-
embaraçado (3).

Estudando a evolução litteraria dos trez
paizes, limitada principalmente á epocha
decorrida desde 1830 até os nossos dias,
como outra cousa não se podia esperar de
mim. eu faço da Allemanha o centro das
minhas observações. A França e a Italia
gyrarão em torno della. Uma questão de
sympathia, sem duvida; mas tambem uma
questão de methodo. e é licito a cada um
seguir e applicar o que melhor lhe parece.

Muita gente ainda suppõe, ao ouvir falar
de litteratura comparada, que ahi só se
trata de um processo de confrontação e me-
dida dos diversos auctores, para determi-
nar, quaes sejam os mais meritorios. Assim
um estudo comparativo das lettras france-
zas e allemãs teria a obrigação indeclina-
vel de mostrar, por exemplo, qual dos dois
é mais forte na *munhéca*.—se Strauss, ou
E. Renan, se Thierry, ou L. Ranke, se
George Sand, ou a Condessa Hann-Hahn,
etc., etc.

Mais isto é um conceito erroneo. A litte-
ratura comparada é simplesmente uma
pesquisa historica das reciprocas influen-
cias, das acções e reacções metachymicas,
que abalam os espiritos, em um dos vastos
dominios da vida internacional. E só assim
é que ella podia assumir feição scientifica
e tornar-se realmente digna de ser culti-
vada.

TOBIAS BARRETO.

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

parativamente barbara; manifestar-se-ha
de um modo menos cruel num estado social
mais avançado, em que, progressivamente
as creanças estão afeitas a tractamentos
mais suaves. Mas o que sobretudo devemos
aqui observar é que a manifestação do
grande desgosto paterno não será efficaz
para o bem senão na medida da afeição
que a creança tiver a seus paes. A efficácia

(3) Convem notar que este escripto não se
apresenta de todo como uma novidade. Elle é
uma especie de recopilação de prelecções feitas
o anno passado em curso particular de littera-
tura,

da disciplina das consequencias naturaes
será exactamente proporcional ao rigor com
que applicarmos esta disciplina nos demais
casos. A prova está ao alcance de todos, se
o quizerem experimentar.

Quem é que não sabe que ao offender
qualquer pessoa o pesar que se experi-
menta (pomos de lado naturalmente as
considerações mundanas que não são do
nosso assumpto) varia com o grau de sym-
pathia que sentiamos por esse individuo?
Não se sente acaso que, ao tractar-se de
um inimigo, o pensamento de o ter offen-
dido nos causa mais uma secreta satisfação
do que desgosto? Não nos recordamos de
que, logo que uma pessoa que nos é com-
pletamente desconhecida, se melindrou
por qualquer facto, a incommoda isto
muito menos do que se fosse um seu
amigo? Pelo contrario o desgosto d'uma
pessoa admirada e querida não foi por nós
considerado como uma desgraça séria,
como uma fonte de longos e amargos pe-
zares? Pois bem, o effeito do descontenta-
mento paterno deve variar tanto como o
grau de afeição persistente. Onde quer
que haja indiferença o sentimento da
creança culpada não passa de um receio
puramente egoista dos castigos corporaes
ou das privações que lhe serão infligidas;
e depois que estas foram supportadas, o
antagonismo e a irritação augmentam a
indiferença. Pelo contrario onde existe
uma forte afeição filial produzida pela ha-
bitual amizade dos paes, o estado de espi-
rito a que o descontentamento do pae leva
a creança, não sómente serve para evitar
as faltas de identica natureza, para o fu-
turo, mas é-lhe até salutar. O castigo
moral de ter perdido por algum tempo um
amigo tão querido supprime o castigo cor-
poral e não é menos efficaz, caso o não
seja mais. Em vez do receio e do resenti-
mento, ordinariamente experimentados, a
creança sympathisa com o desgosto de seu
pae, lastima o havel-o causado e deseja
poder, por um acto de reparação, restabe-
lecer com elle as relações de amizade. Em
vez de por em jogo esses sentimentos
egoistas cujo predominio é a fonte do
crime, põe em jogo os sentimentos al-
truistas (1) que previnem os actos cri-

(1) Foi Augusto Comte quem introduziu na linguagem
philosophica, em opposição ao *egoismo* o termo *altruismo*,
para designar o sentimento que nos leva a interessarmo-nos
pelos nossos semelhantes, a amar outrem. A. Comte, o
fundador da *philosophia positiva*, nasceu em 1798 e morreu
em Paris em 1857.

minosos. D'esta fôrma a disciplina das consequencias naturaes é muito mais applicavel ás grandes faltas do que ás pequenas, e a sua practica não sómente origina a repressão d'essas faltas, como as previne e evita.

Em summa, a verdade é que a selvageria produza selvageria, e a doçura a doçura. As creanças que são tractadas sem bondade não vêm a ser boas. Tracta-las com sympathia é desenvolver nellas sentimentos da mesma natureza. No governo domestico, da mesma fôrma que no governo politico, o despotismo faz nascer uma grande parte dos crimes que mais tarde se têm de punir; enquanto que uma direcção suave e liberal evita as causas de discussão, e, melhorando por esta fôrma os sentimentos ordinarios, diminue a tendencia ás transgressões da lei. Como John Loke (2) disse ha muito tempo: «em materia de educação os castigos severos fazem pouco bem e podem fazer muito mal: e creio que, em egualdade de circumstancias, as creanças que foram mais castigadas não serão os melhores homens.» Em confirmação d'esta maneira de ver podemos citar este facto tornado publico ultimamente por Rogers, capellão da prisão de Ponteville: os rapazes criminosos que soffreram o castigo dos açoitos são os que de ordinario voltam mais vezes á prisão. Pelo contrario os bons effeitos d'um tractamento mais doce manifestam-se neste outro facto que nos referia uma dama em casa de quem residimos em Paris. Como ella se desculpava do barulho com que nos incommodava uma creança, tão irrequieta em casa como na escola, accrescentava que não via outro remedio ao seu character senão o que dera resultado para com seu irmão mais velho: envia-la para uma casa de educação na Inglaterra. Esta creança mostrara-se intractavel em todos os collegios de Paris. Não sabendo já o que haviam de fazer d'ella, enviaram-na para Inglaterra, e ao fim de alguns annos voltou tão boa quanto tinha ido má. A mãe attribuia completamente esta mudança notavel á doçura comparativa da disciplina ingleza.

(2) O philosopho inglez Loke (1632-1704) escreveu com o titulo de PENSAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (1693) um notavel tractado de educação, muitas vezes traduzido em francez, e onde se encontra já a maior parte das ideias que mais tarde Rousseau popularizou no seu EMILIO.

Depois da exposição de principios que precede, o espaço que nos resta não pôde ser melhor preenchido do que apresentando algumas das maximas e regras que decorrem d'estes principios.

Não espereis pois d'uma creança um elevado grau de excellencia moral. Durante os seus primeiros annos todo o homem atravessou as phases de character que atravessou a raça barbara de que descende. Assim tambem as feições d'uma creança — nariz chato, ventas arrebitadas, labios grossos, olhos afastados, ausencia de fossa frontal, etc. — são durante algum tempo as do selvagem, assim como seus instinctos são tambem os do selvagem. D'aqui a tendencia á crueldade, ao roubo, á mentira, tão geral nas creanças: tendencia que sem o concurso da educação se modifica mais ou menos ao mesmo tempo que as feições do rosto. A ideia popular de que as creanças são «innocentes», verdadeiras referindo-se apenas ao conhecimento do mal, é completamente falsa a respeito dos maus impulsos. E' o que provará uma meia hora d'observação num quarto de creanças, a quem quizer sómente abrir os olhos. As creancinhas, entregues a si mesmas nas escolas, tractam-se entre si mais brutalmente do que o fazem os homens; e se as entregassem a si proprias numa idade mais tenra, esta brutalidade seria ainda mais notavel.

Não só é sensato esperar muito das creanças em tudo o que diz respeito a moralidade, como não é prudente e ajuizado o exigir-lha. Hoje a maior parte das pessoas reconhecem os maus resultados da precocidade intellectual, mas resta reconhecer-se a precocidade moral produz tambem consequencias funestas. As nossas faculdades moraes superiores, assim como as intellectuaes superiores, são comparativamente complexas. Por conseguinte umas e outras são retardatarias na sua evolução. Para ambas a cultura prematura realisa-se á custa do desenvolvimento futuro. D'aqui essa anomalia assás commun: as creanças que foram modelos na tenra idade, a medida que vão crescendo, soffrem uma mudança na apparencia inexplicavel, e acabam por cahir abaixo da media intellectual e moral, enquanto que alguns homens muitas vezes depois de uma infancia, que parecia não daren esperanças algumas, se apresentam com uma moralidade relativamente superior.

Contentae-vos pois com medidas e resultados moderados. Recordae-vos que uma moralidade superior, assim como uma intelligencia superior, devem ser o fructo d'um longo desenvolvimento, e acolhereis então com paciencia as imperfeições que manifesta a cada instante o vosso filho. Sereis logo contrario ás reprehensões, ás ameaças, ás continuas prohibições com que os paes produzem um estado chronico de irritação domestica, na louca esperanza de tornar d'esta fôrma seus filhos o que deviam ser.

Esta fôrma liberal de governo paterno, que consiste em não querer regular despoiticamente todos os pormenores da conducta da creança resulta implicitamente do systema que nós preconisamos. Contentae-vos com vigiar que o vosso filho sofra sempre as consequencias naturaes das suas acções, e evitareis cahir nesses abusos de dominio que é o erro de tantos paes. Todas as vezes que puderdes entregae-o á disciplina da experiencia e preservai-o-heis já da virtude fingida que o exaggerado auctoritarismo faz nascer nas naturezas doccis, já d'esse espirito de antagonismo desmoralizador que se produz nas naturezas independentes.

Aguardando em todas as circumstancias deixar um curso livre ás reacções naturaes das acções do vosso filho, moderareis d'um modo feliz o vosso proprio character. O methodo de educação moral seguido por muitos paes—receíamos dizer pela maior parte dos paes—consiste muito simplesmente em deixar apparecer a sua colera, na primeira occasião que se apresenta. As pancadas, os maus tractos, as palavras asperas com que a mãe castiga as faltas ligeiras de seu filho, (faltas que muitas vezes o não são na realidade) não são mais do que a manifestação dos seus sentimentos mal dominados, e provém muito mais dos impulsos que ella recebe do que do desejo de ser util a creança. Mas se vos detendes, cada vez que uma falta é commettida, em considerar qual será a sua consequencia normal, e como esta consequencia pôde tornar-se mais sensivel ao transgressor, tereis ganho em pouco tempo o que servirá para vos tornardes senhor de vós mesmos; o vosso primeiro movimento de colera cega transformar-se-ha num sentimento menos violento e menos apto que vos arrastará para fóra do caminho.

Não diligencieis no emtanto; ortar-vos

como instrumento impassivel. Recordae-vos de que, alem das reacções naturaes das acções do vosso filho, que a marcha das cousas lhe fará sentir, a vossa approvação e a vossa desapprovação são tambem uma reacção natural e um dos meios que deve contribuir para guiar. O erro que combatemos consiste em substituir o desgosto paterno e os seus castigos que são de instituição natural. Mas, se não for preciso substituí-los pelas penalidades naturaes, não se segue que não devam elles acompanhá-las. Posto que o castigo d'ordem *secundaria*, o que infligem os paes, não deva usurpar o lugar do castigo de ordem *principal*, sob uma fôrma moderada, pôde servir-lhe de supplemento. O desgosto ou a indignação que sentirdes deve ser manifestado pelas vossas palavras e actos, com a reserva, bem entendido, da fiscalisação que a vossa reflexão deve exercer. A natureza e a força do sentimento que experimentais dependem necessariamente do vosso character, e é por conseguinte inutil dizer que deveis sentir d'este ou d'aquelle modo. Deveis em todo o caso tractar de modificar os vossos sentimentos por fôrma a leval-os o mais possivel a ser o que deveriam ser. Evitae em todo o caso os dois extremos, não sómente a respeito da intensidade do vosso descontentamento, mas até a respeito da sua aspereza. Por outro lado evitae tambem essa franqueza tão commun ás mães que ralhame perdoam quasi no mesmo minuto: por outra parte não continueis sem necessidade a ostentar frieza durante muito tempo, com o receio de que o vosso filho se não habitue a dispensar a vossa affeição, perdendo d'esta fôrma a influencia sobre elle. As reacções moraes, que produzem em vós os actos do vosso filho devem ser o mais possivel semelhantes ás que experimentaria um pae cujo character fosse perfeito.

Não multipliqueis as ordens; não mandeis senão quando os outros meios forem inapplicaveis ou não produzam o seu effeito. «Quando se dão muitas ordens, diz João Paulo (1) é mais para vantagem dos paes do que dos filhos». Assim como nas sociedades primitivas a violação das leis é punida menos por ser em si mesma culposa do que por implicar o desprezo da auctoridade do rei.—uma rebelião contra elle—assim como em muitas familias o castigo

(1) Sobre João Paulo veja-se a nota a pag. 132.

infligido ao transgressor é determinado não pela repulsão que nos inspira a falta, mas pela cholera que faz nascer a desobediencia. Ouvi como falam os paes e os mestres : « Como é que ousas desobedecer-me !—Eu o *obrigarei* a fazer o que lhe mando, Sr. !—Eu lhe ensinarei o que é o *professor* ! ». Considerae o que indica esta linguagem e o tom que *acompanha*. Annuncia muito mais a vontade de reinar do que o desejo de proporcionar o bem da creança. O estado de espirito do pae ou do mestre que assim fala differe pouco do d'um despota decidido a punir um vassallo recalcitrante. E portanto um pae razoavel, bem como um legislador philantropo, será feliz não por applicar a coercção, mas por vêr que esta se torna inutil. A lei imperativa dispensar-se-ha, logo que se poder substituir por outros meios de direcção ; e só com pezar recorrerá a uma ordem formal, quando o seu emprego lhe parecer indispensavel. Assim como o faz sentir João Paulo . « O melhor systema em politica é, dizem, *governar o menos possivel* ; este principio tambem é verdadeiro na educação ». E, de accordo com esta maxima, o pae, que pelo sentimento do dever bem comprehendido se deixar guiar pelo prazer do dominio tyrannico, dedicar-se-ha a fazer com que seus filhos se governem o mais possivel por si mesmos, e só em ultimo caso recorrerá ao absolutismo.

Mas todas as vezes que sentirdes a necessidade de mandar, mandae com decisão e execução immediata. Se o caso é um d'aquelles em que o emprego da auctoridade é indispensavel, formulae a vossa resolução e não desistais mais. Reflecti bem no que ides fazer ; ponderae todas as consequencias ; ponderae se tereis sufficiente firmeza para seguir até ao fim ; e quando afinal tiverdes dado uma ordem, fazei-vos obedecer a todo o custo. Que a vossa sancção penal seja semelhante á que inflige a natureza inanimada, isto é inevitavel. A brasa accesa queima a creança que lhe toca a primeira vez ; queima-a na segunda : queima-a na terceira ; queima-a todas as vezes que lhe tocar, e a creança apprende assim a evital-a. Se persistirdes sempre, se todos os vossos actos tiverem a mesma uniformidade, a creança para logo respeitará as vossas leis a pãrdas da natureza. E este respeito, uma vez estabelecido, evitará innumerados desgostos domesticos. A inconsequencia é a peor de todas as faltas que

se podem commetter na educação ; assim como numa sociedade os crimes se multiplicam quando não ha justiça certa, tambem na familia um numero infinito de transgressões resulta da applicação hesitante ou irregular dos castigos. Uma mãe fraca, que incessantemente ameaça e que raramente procede, que faz leis precipitadamente e que de seguida se arrepende, que pela mesma falta ora manifesta doçura ora severidade, conforme o seu humor passageiro, prepara mil desgostos a si propria e ao seu filho. Aos olhos d'este torna-se desprezivel ; dá-lhe o exemplo de se não saber dominar ; anima-o a transgredir as suas ordens pela perspectiva da impunidade provavel, faz nascer mil conflictos em detrimento do seu character e do character da creança ; reduz o espirito d'esta a não ser mais do que um cahos moral, no qual os longos annos de amarga experiencia difficilmente restabelecerão a ordem. Mais valeria uma fôrma barbara de governo applicada com persistencia do que uma mais humana applicada com tanta indecisão e levandade. Repetimol-o : evitae as medidas coercitivas todas as vezes que poderdes evital-as ; mas quando entenderdes que o despotismo é na realidade necessario, sêde despotas seriamente.

Recordae-vos de que o fim da educação moral é formar um ser apto para *se governar a si mesmo*, e não um ser apto para *ser governado pelos outros*. Se o vosso filho fosse destinado a viver escravo, não poderíeis habitual-o muito á escravidão na sua infancia, mas como elle será em breve um homem livre, que não terá pessoa alguma juncto de si para dirigir a sua conducta diaria, não podeis acostumar-o a dirigir-se a si proprio, em quanto estiver sob os vossos olhos. E' isto que torna o systema da disciplina das consequencias naturaes muito particularmente appropriado ao estado social a que chegamos na Inglaterra. Nos tempos feudaes, quando um dos maiores males que o cidadão tinha a temer era a colera dos seus superiores, convinha que durante a infancia a vindicta paterna fosse o principal meio de governo. Mas hoje que o cidadão não tem nada a receiar de pessoa alguma, hoje que o bem e o mal que lhe succedem são unicamente os que resultam da sua conducta em virtude da natureza das cousas, deve começar a aprender por experiencia, desde os seus mais tenros annos, as boas ou as más

consequencias que seguem naturalmente tal ou tal acto. Diligencie pois que o governo paterno desapareça logo que for possível perante o governo de si proprio, que nasce da previsão dos resultados. Durante a primeira infancia é necessaria uma forte dose de absolutismo. Uma creança de tres annos, brincando com uma thesoura aberta, não pôde ser submettida á disciplina das consequencias, porque estas seriam neste caso muito serias. Mas á medida que a intelligencia augmenta, o numero de intervenções decisivas pôde e deve ser diminuido, porque essas intervenções cessam pouco a pouco, logo que o joven se approxima da virilidade. Toda a transição é perigosa: e a mais perigosa de todas é a passagem, é a brusca passagem da sujeição da casa paterna para a liberdade do mundo. D'aqui a importancia de seguir a politica que preconisamos, a qual, habituando um joven ao dominio de si proprio e augmentando gradualmente as occasiões em que deve exercer esse dominio, guiando-o passo a passo a exercel-o sem auxiliar algum, faz desaparecer a transição, ordinariamente brusca e perigosa, da adolescencia, em que o governo do homem é externo, da idade adulta, em que é interno. Que a historia da vossa legislação domestica seja em ponto pequeno a historia da nossa legislação politica; no principio a auctoridade despotica quando essa auctoridade é realmente necessaria; logo depois um constitucionalismo nascente, no qual a liberdade do vassallo é nalguns pontos reconhecida; em seguida ampliações successivas da liberdade do vassallo para acabar pela abdicção do senhor.

Não lastimeis que vosso filho seja obstinado. E' o contra d'essa tendencia dos paes em diminuir a coerção, que é tão visível na educação moderna. A disposição em affirmar a liberdade d'um lado corresponde á disposição em acabar com a tyrannia por outro. Uma e outra indicam que nos approximamos do systema de disciplina que sustentamos, systema por meio do qual as creanças serão cada vez mais levadas a dirigirem-se ellas proprias conforme a experiencia das consequencias naturaes dos seus actos: ambas são o producto do nosso estado social mais avançado. O rapaz inglez independente d'hoje é o pae do inglez de amanhã; e não podereis ter um sem o outro. Os professores de collegios allemães dizem que preferem go-

vernar doze alumnos allemães a um inglez. Deveremos pois desejar que os nossos rapazes tenham a docilidade dos collegiaes allemães, e que mais tarde sejam politicamente escravizados, como o são os allemães? Não será preferível tolerar entre nós esses sentimentos que tornam os homens livres, e não poremos de accordo com elles os nossos methodos de educação?

Finalmente, recordae-vos sempre que educar bem um filho não é cousa facil e simples, antes pelo contrario é uma obra difficil e complexa; é o mais arduo encargo da vida adulta. O governo domestico, na sua forma rude e grosseira, está, sem duvida, ao alcance das intelligencias menos cultivadas; as pancadas e palavras brutaes são os meios que se offerecem ao barbaro mais primitivo e ao mais estúpido camponez. Os proprios animaes podem applicar este methodo de disciplina, como vemos no rosnar e dentadas com que a caddella reprime os seus filhos demasiado exigentes. Mas, se quereis applicar com resultado um systema racional e civilizado, é preciso attender a uma grande despesa de trabalho intellectual; é preciso estudo, intelligencia, paciencia e imperio sobre si mesmo. Deverieis continuamente perguntar-vos quaes são os resultados que na vida adulta acompanham certos actos, e indagar os meios de fazer produzir aos actos de vosso filho resultados semelhantes. Diariamente vos será preciso analysar os motivos da conducta da creança, distinguir entre as acções verdadeiramente boas e as que parecem sel-o, mas que têm por movel sentimentos de ordem inferior; emquanto que deverieis estar incessantemente precavidos contra o desprezo cruel e tão frequente que se liga ás creanças, considerando como más acções indifferentes, e attribuindo-lhes sentimentos piores do que aquelles que ellas experimentam. Tereis que modificar mais ou menos o vosso methodo afim de o pôr em relação com as disposições particulares de cada creança, e modificá-lo ainda á medida que estas disposições entrem em phases novas. Ser-vos-ha precisa uma convicção firme para persistir numa linha de conducta que parecerá não produzir mais do que poucos ou nenhuns effeitos. Sobre tudo, se tiverdes de attender a creanças que fossem anteriormente maltratadas, deveis contar com uma longa prova de paciencia, antes de chegardes aos resul-

tados de um melhor methodo, visto que é natural que uma cousa, já difficil quando se cultivou o sentimento justo desde a infancia, se torne duplamente difficil quando se fez nascer d'ella uma falsa maneira de sentir. Não sómente deveis analysar os motivos da acção de vosso filho, mas até os vossos próprios motivos: distinguir entre as suggestões que emanam da verdade da sollicitude paterna e as que nascem do vosso egoismo, da vossa necessidade de repouso e do vosso gosto de dominio; e de seguida, o que é mais penoso, depois de ter descoberto a verdadeira natureza dos vossos impulsos, deveis domar estes, logo que sejam reconhecidos como maus. Em breve deveis refazer a vossa propria educação, ao mesmo tempo que tereis effectuado a de vosso filho. No ponto de vista intellectual tendes a estudar, para attingir o bem, este assumpto, que é o mais complexo de todos: a natureza humana e as suas leis, taes como se patenteiam em vosso filho, em vós mesmos e no mundo. Sob o ponto de vista moral deveis constantemente appellar para os vossos sentimentos mais nobres e refrear os menos elevados. É uma verdade ainda muito pouco reconhecida que a phase superior do desenvolvimento mental no homem e na mulher não póde ser attingida senão pelo desempenho acertado dos deveres paternos. E, quando se tiver reconhecido esta verdade, ver-se-ha quanto é admiravel essa disposição de cousas que conduz o ser humano, por meio das suas affeições, mais fortes, a submeter-se a uma disciplina que, sem isso, desprezaria.

Emquanto que alguns acolherão esta concepção da educação com duvida e desanimo, julgamos que outros verão, na propria elevação do ideal que ella encerra, a prova da sua verdade. Que não possa ella ser realzada por individuos escravos do seu capricho, pouco amantes, pouco previdentes; que exija a coadjuvação das mais elevadas faculdades da natureza humana para a sua realisação, isto testemunhará aos seus olhos que ella é de facto a propria da ao estado mais avançado do desenvolvimento humano. Embora na applicação reclame muito trabalho e dedicação reconhecerão que promette uma colheita abundante de felicidade immediata e futura. Elles verão que, emquanto um falso systema de educação é um duplo flagello para o pae e para o filho, um bom systema é um du-

plo beneficio para o que dá a educação e para o que a recebe.

DA EDUCAÇÃO PHYSICA

SUMMARY. — Imperioavel negligencia dos paes a respeito da educação physica dos filhos. — Importancia d'esta questão.

Da alimentação. A nossa epocha em virtude d'uma reacção contra a voracidade dos seculos anteriores lançou-se no excesso contrario. Hoje pretende-se regular o appetite das creanças; no entanto o appetite é um guia digno de confiança. Explicação do gosto das creanças pelos doces e pelos fructos. As creanças necessitam uma alimentação substancial: provas scientificas em apoio d'esta asserção. Effeitos d'uma alimentação substancial: exemplos diversos. Necessidade da variedade no regimen alimentar.

Do vestido. Theoria erronea da fortaleza dos tecidos. O vestido deve ser sufficientemente quente. É lícito vestir as creanças com roupas muito leves para seguir a moda.

Do exercicio corporal. As meninas não têm o preciso. O jogo é preferivel á gymnastica. A geração actual possui menos vigor physico do que as suas predecessoras. A causa deve procurar-se na tensão intellectual excessiva que nos impõe a vida moderna e no genero de educação pelo qual nós somos preparados para os deveres d'estas existencias. Consequencias desastrosas do abuso do estudo. Emprego do dia num collegio de meninas numa escola normal. A cultura intellectual prematura e excessiva alcança-se á custa do desenvolvimento physico. Um cerebro submetido muito cedo a um trabalho excessivo não póde desenvolver-se d'uma maneira normal. Influencia do trabalho cerebral sobre as funções organicas.

O systema de educação que desenvolve a intelligencia á custa do vigor physico deve pois ser condemnado, sobretudo em relação as meninas. A conservação da saude é um dever moral, e uma egual sollicitude deve ser applicada ao desenvolvimento do corpo e ao do espirito.

A' mesa do *squire* (1), depois que as damas se retiram, assim como na estalagem em dia de feira, e na taberna da aldeia ao domingo, depois da questão politica do dia, o assumpto que mais excita o interesse geral, é a criação do gado. A volta d'uma caçada os fidalgos, que a cavallo regressam a casa, falam ordinariamente do melhoramento da raça caallar, dos cruzamentos e dos commentarios sobre as corridas; um dia de caça ao tiro nos paues não finda sem que se tracte da arte de ensinar os cães. Dois fazendeiros, que regressam atravez os campos da missa dominical, das suas considerações sobre o sermão passam ás observações sobre o tempo, as colheitas e creações, e d'aqui a discussão passa ás differentes especies de forragens e suas qualidades nutritivas.

(1) *Squire*, fidalgo camponez.

Hodge e Gilles, na taberna, por suas observações comparadas sobre as malhadas ou curral de porcos de cada um, revelam que prestaram a sua attenção aos porcos pertencentes aos seus amos, e que sabem quaes os effeitos que produzem nelles tal ou tal processo de engorda. Não é sómente nas populações ruraes que o regulamento do canil, da cavallarice, da malhada, do bardo é um assumpto favorito. Nas cidades tambem os numerosos artistas que têm cões, os rapazes ricos que se distrahem com os prazeres da caça, e seus paes, mais sedentarios que falam dos progressos da agricultura, que leem os relatorios annuaes de Mechi e as cartas de Caird no *Times*, se fossem a contal-os, formariam uma somma consideravel. Passae em revista a população masculina do reino e encontrareis que a grande maioria se interessa com as questões do cruzamento, da criação, do ensino dos animaes de qualquer especie.

Mas quem é que nos cavacos, depois de jantar, ou nas conversações de identica natureza, ouviu já pronunciar uma palavra sobre a *creação* das creanças? Emquanto o fidalgo camponez faz a sua visita quotidiana ás cavallariças e pessoalmente examina o regimen a que submettem os seus gados e faz neste sentido as necessarias recommendações, quantas vezes entra elle no quarto dos seus filhos, examina os alimentos que lhes dão, se informa das horas de refeição, e vigia que a ventilação da *nursery* seja sufficiente? Na sua bibliotheca encontram-se a *Arte de alceitariar* de White, o *Livro da granja* de Stephens, o *Tractado da caça* de «Nemrod» obras que geralmente leu; mas quaes são os livros que leu sobre a arte de alimentar as creanças de peito e as de mais idade? As propriedades que para a engorda do gado tem o bolo de nabo e de celga, o valor nutritivo do feno e da palha trilhada, o perigo do abuso do trevo, são pontos sobre os quaes todo o proprietario, todo o rendeiro e todo o camponez se instruem. Mas qual é o que dentre elles indagaou alguma vez se a alimentação que davam aos seus filhos era a mais appropriada ás necessidades da natureza das meninas e rapazes no periodo do desenvolvimento? Dir-se-ha talvez, para explicar esta anomalia, que estes homens, tractando dos animaes, não fazem mais do que occupar-se dos seus negocios e dos seus interesses. Esta expli-

cação não é sufficiente, porque o mesmo ocorre nas restantes classes sociaes. Entre os habitantes das cidades muito poucos ha que ignorem que não convém fazer trabalhar um cavallo depois de ter comido; e todavia encontrar-se-hia apenas um dentre elles, suppondo que todos fossem paes, que indagasse se é sufficiente o intervallo de tempo que decorre entre as refeições de seus filhos e as horas de lição. Se ides ao amago das cousas, vereis que quasi sempre um homem considera o regimen seguido na *nursery* como um negocio a que deve permanecer extranho. «Oh! eu deixo tudo isso ao cuidado das mulheres!» vos responderá elle provavelmente; e quasi sempre tambem o tom em que pronunciar estas palavras indicará sufficientemente que semelhantes cuidados julga elle incompativeis com a dignidade do seu sexo.

Por qualquer lado que se examine o assumpto, não é para surprehender que, emquanto a criação dos touros de raça é um negocio a que homens de educação dedicam muito tempo e reflexão, o cuidado de crear bellos homens é um dos que elles tacitamente declararam indigno da sua attenção? Mães que nunca apprenderam mais do que as linguas, a musica e diversas artes de recreio, secundadas por amas cheias de velhos preconceitos, são consideradas juizes competentes da alimentação, do vestido e do grau de exercicio que convêm ás creanças. Durante este tempo os paes leem os livros e os artigos de jornaes, reúnem se em comissões, fazem experiencias, e encetam discussões, afim de descobrirem os melhores meios de engordar os porcos de melhor raça! Vemos que se dão a infinitos trabalhos para produzirem um cavallo de corridas, que ganhará o *Derby*, mas nenhum cuidado se applicará para produzir um athleta moderno. Se Gulliver relatasse que os habitantes de Laputa (1) rivalisavam entre si para crear o melhor possivel os filhos das demais creaturas e não tractassem por forma alguma de saber como é que era preciso crear os seus, este absurdo pareceria igual a todas as restantes loucuras que lhe imputam.

A questão, no emtanto, é seria. Por mais

(1) Sabe-se que no romance satirico de Swift, Gulliver depois de ter visitado os anões de Lilliput e os gigantes de Brobdignag chega a ilha imaginaria de Laputa, cujos habitantes, grandes organisadores de systemas, se entregam a toda a ordem de estravagantes divertimentos.

risível que seja o contraste, o facto que implica não é menos desastroso. Assim como o referiu um gracioso escriptor, a primeira condição de exito neste mundo, é o ser um *bom animal* (1), e a primeira condição da prosperidade nacional é que a nação seja constituída de «bons animaes». Não sómente succede muitas vezes que o resultado de uma guerra depende da força e da ousadia dos soldados, mas nas proprias luctas industriaes tambem a victoria está ligada ao vigor physico dos productores. Até aqui não tivemos razão alguma para temer a inferioridade neste respeito sobre os diversos campos de batalha. Mas ha razões para prever que muito em breve seremos submettidos a rudes provas. A lucta pela existencia é tão viva nos tempos modernos, que poucos são os homens que lhe podem supportar as exigencias sem fraquejar. Dentre elles já succumbem alguns milhares sob a alta pressão que supportam. Se esta pressão continúa a augmentar, como é provavel, rudemente gastará as mais fortes constituições. Torna-se pois d'uma importancia particular o educar as creanças de modo que não sómente sejam aptas para sustentar a lucta intellectual que as aguarda, mas que possam tambem supportar physicamente a excessiva fadiga a que serão submettidas.

Felizmente começa-se a pensar n'isto. Os escriptos de Kingsley (1) indicam uma reacção contra o excesso e precocidade da cultura intellectual; e até, como todas as reacções, esta vai muito mais longe. De tempos a tempos uma carta ou um artigo publicado nos jornaes testemunha um novo interesse pela educação physica. E o nascimento d'uma escola a que se deu a designação significativa de «christianismo muscular» demonstra que a opinião publica começa a propagar que, na nossa maneira ordinaria de educar as creanças, não temos na devida conta o seu bem estar phisico. O assumpto está evidentemente maduro para a discussão.

O fim que temos a attingir é pôr o regimen da *nursery* e da escola de accordo com as verdades da sciencia moderna. E'

(1) Veja-se a nota a pag. 64.

(1) O Rev. C. Kingsley, fallecido ha alguns annos, e o auctor de um certo numero de romances (*ALTON LOCKE*, *YEAST* *WESTWARD HO!* etc.) cujos heroes se distinguem ao mesmo tempo pelo vigor physico e pela sua piedade. Daqui o nome de «christianismo muscular» (*muscular christianity*) dado a escola que se formou sob a influencia dos escriptos de Kingsley.

tempo que os beneficios trazidos aos nossos carneiros e bois pelas descobertas feitas nos laboratorios sejam tambem partilhado pelos nossos filhos. Sem querer pôr em duvida a grande importancia da criação aperfeçoada dos cavallos e dos porcos, pensamos que, assim como a criação dos bellos homens e das bellas mulheres não deixa tambem de ter alguma importancia; as conclusões dadas pela theoria e confirmadas pela pratica devem servir de guia no segundo caso tanto como no primeiro. Muitas pessoas se surprehenderão, e talvez até se offendam, com esta approximação de ideias. Mas é um facto indiscutivel, e que é preciso acceitar, que o homem está submettido ás mesmas leis organicas dos animaes inferiores. Nenhum anatomista, nenhum physiologista, nenhum chimico hesitará em affirmar que os principios geraes, reconhecidos como verdadeiros, nas funções vitales dos animaes, o são igualmente nas do homem. A franca admissão d'este facto importa uma recompensa, a saber: que as generalizações originadas das experiencias e das observações realizadas sobre os animaes tornam-se uteis ao homem. Por mais rudimentar que seja até ao presente a sciencia da vida, já ella estabeleceu alguns principios fundamentaes que presidem ao desenvolvimento de todo o organismo, incluindo o organismo humano. O que presentemente resta fazer, e que vamos tractar de realizar por alguma fórma, é investigar qual deve ser a influencia destes principios sobre a educação da creança e na sua juventude.

A tendencia á alternância visivel em todos os phenomenos da vida social — essa tendencia, em virtude da qual o despotismo succede ás revoluções, os periodos de reforma aos periodos de conservantismo, os seculos asceticos aos seculos dissolutos; que no commercio produz alternativamente o excesso da confiança e o panico, que faz passar a moda de um extremo ao outro — affecta tambem os nossos habitos de mesa, e por consequencia o regimen alimentar a que se submettem as creanças. Depois d'uma epocha, em que se comia e bebia desmesuradamente, veio uma epocha de sobriedade comparativa; as seitas dos *teetotallers* (1) e dos *vegetarianos* são as formas extremas do protesto

(1) Veja-se a nota a paginas 134.

contemporaneo contra o excesso do tempo passado. Com esta mudança de habitos nos adultos produziu-se parallelamente uma mudança no regimen das creanças. Nossos paes julgavam que quanto mais faziam comer as creanças, mais isto valia; e hoje mesmo, nos camponeses e nas provincias longinhas, onde as velhas ideias se conservam mais tempo, encontram-se paes que incitam os seus filhos a comerem até á repleção. Mas nas classes superiores, em que a reacção para a abstinencia é mais accentuada, pode-se observar uma disposição para não alimentarem sufficientemente as creanças. Dizemos até que é mais pelo regimen que impõe aos seus filhos do que pelo que elles proprios seguem, que estes partidarios da temperança manifestam o seu afastamento dos grosseiros appetites dos tempos passados; porque, emquanto o seu ascetismo é moderado, n'elles mesmos, pelas reclamações da natureza, abrem livremente carreira pela legislação que decretam para juventude.

É uma verdade banal que o comer muito e o comer muito pouco são egualmente prejudiciaes. Dos dois excessos no emtanto, o ultimo é o peor. Assim como o disse uma alta auctoridade os effeitos da repleção accidental são muito menos prejudiciaes e mais reparaveis do que os da inanición». (*Encyclopedia de medicina pratica*). Além d'isso, quando se não intervem d'um modo pouco judicioso, é raro que as creanças sofram indigestões. «Comer com excesso é vicio dos adultos mais do que das creanças as quaes raramente são comilonas e epicurianas, se acaso a falta não é de quem as educa» (*Ibidem*). Este systema de restricção, que tantos paes julgam necessario impôr, está baseado nas observações insufficientes e nos falsos raciocinios. Abusam da regulamentação na *nursery*, como no Estado; e uma das fórmas mais desastrosa d'este abuso é a maneira como marcam as refeições da alimentação das creanças.

«Mas, dir-nos-hão, permittir-se-ha ás creanças o sobrecarregarem o estomago, empanurrarem-se com goloseimas, e ficarrem enfermas, como por certo lhes succederá?» A questão assim posta não admite mais do que uma resposta; mas assim estabelecida tambem prejudica o ponto que constitue o objecto do debate. Nós pretendemos que, assim como o appetite é um guia seguro em todos os animaes,—um

guia seguro na creança de peito, assim como no enfermo, e nos adultos que levam uma vida regular—póde-se com certeza inferir que é uma guia segura nas creanças. Seria extranho que nellas sómente esse guia não merecesse confiança.

Alguns individuos talvez supportarão impacientemente esta resposta, persuadidos de que podem citar os factos que completamente a contradizem. Póde parecer absurdo negar a auctoridade d'estes factos, e portanto a nossa these, apesar da sua apparencia paradoxal, é perfectamente sustentavel. Na realidade os excessos com que nos objectarão são de ordinario o resultado do systema restrictivo, do qual parecem dever fornecer a justificação. São as reacções sensuaes produzidas pelo regimen ascetico. Em ponto pequeno comprovam esta verdade geral: aquelles que durante a juventude foram submettidos á disciplina mais rigorosa, para o futuro estão dispostos a lançarem-se nas maiores extravagancias. Podem approximar-se do espectaculo offerecido por mais de um convento, em que outr'ora se viam as religiosas passando da extrema austeridade á dissolução mais desenfreada. Demonstram a força irresistivel de desejos por muito tempo comprimidos. Considerae os gostos das creanças e a maneira como estas os tractam. O gosto dos doces é muito pronunciado e quasi universal nellas. Provavelmente noventa e nove pessoas sobre cem imaginam que não vai nisto mais do que uma sensibilidade do paladar, que deve ser reprimida como outros desejos sensuaes. O physiologista, todavia, a quem estas descobertas levaram a ver cada vez mais em todas as cousas uma ordem que é preciso respeitar, suspeita que no gosto das goloseimas ha alguma cousa de mais do que ordinariamente se suppõe, e em breve as suas investigações confirmam estas suspeitas. Descobre que o assucar representa um papel importante no desenvolvimento do organismo. As materias saccarinas, assim como as materias gordurosas, são oxigenadas no nosso corpo, produzindo calor. O assucar é a fórma sobre a qual muitos outros compostos devem passar antes de poderem fornecer-nos calor animal; e esta formação do assucar tem logar no nosso proprio corpo. Não sómente o amido se transforma em assucar durante a digestão, mas foi demonstrado por Claudio Bernard que o nosso figado é uma officina em que os demais ele-

mentos constitutivos da nossa alimentação se transformam em assucar; o assucar torna-se de uma tão grande necessidade para nós, que é extrahido das proprias substancias azotadas, quando se não fornece noutras ao estomago. Se ao facto das creanças sentirem uma attracção pronunciada pelas substancias assucaradas, alimento productivo de calorico, acrescentarmos esse outro facto de que manifestam uma repulsão não menos pronunciada pelo alimento que fornece o maximo de calorico durante a sua oxidação, quer dizer para as substancias gordurosas, temos razão para crer que o excesso d'um compensa a ausencia do outro, e que o organismo reclama mais assucar, porque não pôde assimilar muita gordura. Tambem as creanças gostam dos acidos vegetaes. Deliciam-se com os fructos de toda especie; e na falta de cousa melhor devoram fructa verde e os pomos mais acres. Ora não sómente os acidos vegetaes, assim como os acidos mineraes são bons tonicos e por este motivo beneficos, quando se tomam com moderação; mas, ingeridos sob uma forma natural, tem outras vantagens. « Os fructos maduros, diz o Dr. A. Combe, são usados com muito mais abundancia no continente do que entre nós, e são ultimamente empregados em estimular os intestinos que funcionam imperfeitamente (1) ». Vêde pois que desaccordo existe entre as necessidades instinctivas das creanças e o regimen a que ordinariamente são submettidas. Eis aqui dois gostos que são dominantes neilas, e que, segundo toda a apparencia, exprimem certas necessidades da natureza na infancia; e não só as desprezam ordinariamente, mas até as contrariam. Limitam-se estrictamente ao pão e ao leite de manhã, ao chá e pão com manteiga á noite ou a qualquer outro alimento egualmente insipido. Toda a satisfação do paladar é julgada nulla, inutil ou até prejudicial. Qual é a consequencia disto? Quando, nos dias de festa, os filhos podem obter o uso pleno das cousas que lhe são agradaveis, quando algum dinheiro no bolso lhes permite o appropriarem-se dos doces tão appetecidos, expostos na vitrina do confeitiro ou quando os deixam

correr livremente num pomar, o desejo muito tempo comprimido conduz então a grandes excessos. É um carnaval inesperado, devido em parte a que cessou a sujeição e em parte a que se prevê uma quaresma prolongada. E quando sobrevêm então as indigestões, decidem não deixar as creanças guiarem-se pelos seus appetites! Estes resultados desastrosos das restricções artificiaes dão-se como prova de que são ainda precisas mais restricções! Sustentamos pois que, os raciocinios empregados para justificar este systema d'intervenção são viciosos. Sustentamos que, se permittissem ás creanças usarem quotidianamente d'estes alimentos mais saborosos, que nelles correspondem a necessidades physiologicas, raras vezes comeriam mais do que o necessario, como presentemente fazem, logo que se lhes offerece ensejo. Se os fructos, como diz o Dr. Combe, « constituissem uma parte da sua alimentação habitual » (comidos como elle aconsellha não entre as refeições, mas ás refeições) não experimentariam essa sofreguidão que os impelle a devorar pomos verdes e ameixas bravas. O mesmo ocorre nos demais casos.

Não sómente existem fortes razões *a priori* para confiarem nos appetites das creanças, e não sómente as razões que dão para desconfiarem d'elles não têm valor, como todo e qualquer guia que adoptarem saberão seguir-a com confiança. Qual pôde ser o valor d'este juizo dos paes que se erige em regulador? Logo que « Oliveiros pede mais de comer (1) » em que dado se fundamentará a mãe ou a governante para responder *não*? Ella pensa que já comeu bastante; mas quaes são as razões para assim pensar? Tem acaso alguma ligação secreta com o estomago da creança? Possue a faculdade de *vidente*, que lhe permite distinguir as necessidades do seu corpo? Se não tem, como é que pôde ella decidir com segurança? Porventura não sabe que a necessidade de alimentação de-

(1) O Dr. Combe, fallecido em 1847, era auctor d'um livro muito estimado na Gran Bretanha sobre o REGIMEN PHYSICO E MORAL DA CRIANÇA (TREATISE ON THE PHYSIOLOGICAL AND MORAL MANAGEMENT OF INFANCY) Edinbourg 1:40.

(1) Allusão a uma passagem do celebre romance de Carlos Dickens, OLIVEIROS TWIST. O heroe d'esta tocante narraçáo, o pequeno Oliveiros, é submettido, bem como os seus camaradas, pensionistas d'um workhouse, ás torturas d'um regimen alimentar absolutamente insufficiente. Instigados pela fome, os desgraçados pequenos decidem-se a reclamar augmento de ração, e Oliveiros é o designado pela sorte para apresentar a reclamação, OLIVEIROS ASKING FOR MORE «Oliveiros pede mais de comer» ornou-se uma proverbial allocução em inglez.

pende do systema de causas numerosas e complicadas: — que esta varia com a temperatura, com o estado hygrometrico ou electrico da atmospheria; que varia tambem com a medida de exercicio applicado, com a natureza e a quantidade dos alimentos absorvidos na ultima refeição, com a rapidez da digestão d'esta refeição? Como pôde ella calcular os resultados d'uma tal combinação de causas? Assim como nos dizia o pae d'uma creança de cinco annos que tinha a cabeça mais volumosa que todos os pequenos da sua idade, robusto em proporção, rosada e activa: «Eu não posso encontrar regra alguma artificial para conhecer a quantidade de alimento que ella necessita. Se digo: «isto basta,» é apenas uma supposição; e a supposição pode ser tão falsa como justa. Por conseguinte, como me não julgo advinho, deixo a creança comer quanto lhe appeteece.» Certamente que todo aquelle que julgar pelo resultado admittirá a sabedoria d'este procedimento. A confiança extrema com que os paes legislam para o estomago dos filhos prova que elles ignoram as leis physiologicas; se elles fossem mais instruidos, seriam mais modestos: «o orgulho da sciencia é a humildade comparada com o orgulho da ignorancia». Se pretendermos saber quanto convém desconfiar dos juizos humanos e confiar na ordem de cousas prestabelecidas, compare-se a temeridade do medico inexperiente com a prudencia do grande medico: ou, melhor ainda, abra-se a obra de J. Forbes (1) sobre *A natureza e a arte na cura dos enfermidades* e ver-se-ha que a medida que adquirimos um conhecimento mais aprofundado das leis da vida, tornamo-nos desconfiados de nós mesmos e mais crentes na natureza.

Passando da questão de quantidade á de qualidade, reconhecemos a mesma tendencia ascetica. Não sómente se mede com mão parca a ração de comida concedida ás creanças, mas constituem-na de alimentos pouco substanciaes. E' opinião corrente que as creanças não necessitam de alimentação animal. Nas classes pouco ricas a economia parece ter inspirado esta ideia; o desejo fez com que se acreditasse na cousa. Os paes que não podem comprar

bastante carne respondem aos filhos que lh'a pedem: «a carne não é boa para os meninos e meninas pequenos»; e o que ao principio não era mais do que uma desculpa tornou-se, á força de ser repetida, um artigo de fé. As classes ricas em que o dinheiro não é uma consideração deixaram influenciar-se, em parte pelo exemplo da maioria, e noutra parte pela opinião das amas sahidas do povo, e um pouco tambem pela reacção contra o animalismo das gerações passadas.

Todavia se investigarmos sobre que se funda esta opinião, nada encontramos ou muito pouca cousa. E' um dogma que repetem e acceitam sem provas, como o que impunha, ha annos, o uso de os envolver em faixas. E' muito provavel que para o estomago das creancinhas, que não têm ainda bastante força muscular, a carne, exigindo uma trituração consideravel antes de ser reduzida a chymo, não é um alimento apropriado. Mas esta objecção não colhe contra os alimentos de natureza animal, cuja parte fibrosa se extrahi; e tem mais razão de ser, quando no fim de dois ou trez annos, o estomago das creanças adquiriu um vigor muscular consideravel. E em quanto que o argumento em apoio d'este dogma, admissivel em parte no que diz respeito ás creanças de tenra idade, não o é para com as de idade mais avançada, as quaes, não obstante são ordinariamente creadas conforme estas prescripções, a opinião contraria apoia-se em provas numerosas e decisivas. O veredictum da sciencia é exactamente opposto á opinião popular.

Apresentámos a questão a dois dos nossos medicos mais eminentes e a alguns dos nossos physiologistas mais distinctos; e concluíram estes uniformemente que as creanças deviam ter uma alimentação tão substancial, senão mais ainda que a dos adultos.

O fundamento em que repousa esta opinião é evidente, e o raciocinio que a ella conduz simples. Basta comparar o processo vital na creança e no homem, para ver que a primeira necessita de mais alimentação que o segundo. Porque precisa o homem de alimentos? Porque todos os dias o seu corpo sofre uma certa perda:

HERBERT SPENCER.

(Continúa).

[] J. Forbes, 1787-1861, medico escocoz, auctor de numerosas obras e um dos principaes collaboradores da Encyclopaedia ingleza de medicina practica, muitas vezes citado por Spencer.

Bibliographia Brasileira

ANNO II — 15 DE DEZEMBRO DE 1889 — BOLETIM XXII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

278—AGONATES, Projecto de Constituição do Estado de... por Agonates.

279—BASTOS DE OLIVEIRA, Das vaccinas pastorianas, these inaugural apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Manuel Bastos de Oliveira.

280—CAMPOS GOULART, Diagnostico e estudo critico do tratamento cirurgico do hydrocele vaginal, these inaugural pelo Dr. Alberto de Campos Goulart.

281—CAMPOS PORTO, 15 de Novembro de 1889, discurso pronunciado na sessão solenne, realisada no theatro Juiz de Fôra, a 23 de Novembro de 1889, em homenagem á proclamação da republica dos Estados Unidos do Brazil, 26 pag. em 32, Juiz de Fôra (Estado de Minas).

282—CONVENÇÃO DE 1 DE JUNHO DE 1878, e seu regulamento e suas alterações constantes dos actos addicionaes do congresso postal de Lisboa, 1 vol. em 8.º, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

283—FOLHINHA LAEMMERT para o anno de 1890.

284—INSTRUÇÕES para execução do regulamento dos correios do imperio, approvado pelo decreto n.º 9912 de 26 de Março de 1888, 1 vol. em 8.º, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

285—INSTRUÇÕES para a execução do serviço de premutação de correspondencias com os paizes estrangeiros, 1 vol. em 8.º, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

286—JOÃO RIBEIRO, Grammatica Portugueza por João Ribeiro. Curso primario; 1º anno de portuguez, 2ª edição, editada pela livraria classica de Alves & C.

287—JULIO DE BARROS, Dos meios de sustentar a vida ameaçada por hemorragias do parto ou do secundamento, these inaugural do Dr. Adriano Julio de Barros.

288—NERVAL DE GOUVÊA, Da recepti-

vidade morbida, these inaugural apresentada á Faculdade de Medicina pelo Dr. Oscar Nerval de Gouvêa.

289—OLIVEIRA CATÃO, Das lesões traumaticas do craneo, seu tratamento cirurgico, these inaugural do Dr. Francisco Alves de Oliveira Catão.

290—PERFIL BIOGRAPHICO do commendador Antonio José Gomes Brandão.

291—RELATORIO apresentado em assemblea geral do Club Caixeiral em 1 de Novembro de 1889 pelo presidente da directoria Emilio Fernandes.

292—TEIXEIRA MENDES, A incorporação do proletariado na sociedade moderna, breves considerações para fundamentar as medidas que em nome do proletariado empregado nas officinas publicas dos Estados Unidos do Brazil, deve apresentar ao Governo o cidadão R. Teixeira Mendes.

Na vitrine dos Srs. Alves & C.ª vimos:

H. V. Zessl—Maladies veneriennes.

B. Lee et Henneguy—Anatomie microscopique.

Flügge—Les microorganismes.

Adrian—Etude sur les extraits pharmaceutiques.

Morel Lavallée et Belières—Syphilis et paralysie generale.

F. Vidal—Etude sur l'infection puerperale.

A. Dufour—Manifestations morbides du surmenage physique.

P. Delbert—Traitement des anevrysmes

Bautouin—Syphilis graves precoces.

Recamier—Etude sur les rapports du rein.

Marcel Dubois—Geographie générale, 1.ª année.

Marcel Dubois—Geographie générale de l'Europe, 2.ª année.